CONHECIMENTOS UTEIS.

NARIZ PHÉNIX.

1141 Para em tudo ter a moda jurisdicção até já com os narizes contendeu. Nariz pouco e chato ha-se entre os pretos por formosura: entre os tártaros quanto menos narigado mais gentil homem; e a mulher de Gengis-Kan, que no logar do nariz, só tinha dois buracos, era reputada epílogo de toda a lindeza. Entretanto, para quem não é tártaro, nem preto, a falta de nariz, ou qualquer notavel defeito n'elle, já se reputa por muito grande desar. No Levítico se prohibe entrar para o sacerdocio, quem tiver o nariz, ou muito grande, ou muito pequeno, ou torto: no Egypto não achavam maior castigo para as adúlteras, do que deceparem-lhes os narizes; e em varias chronicas se lê de moças honestas, que por não caírem formosas nas mãos dos inimigos, cortaram os narizes pelas suas proprias mãos; — grande lastima era, que em premio de tamanha heroicidade, não podesse esta nobre parte vir depois a arrebentar e renascer melhorada; e que a natureza lhe recusasse assim um privilegio, que havia concedido ás pernas dos lagartos e ás cabeças dos caracoes.

Commetteu a arte emendar aqui a natureza, e conseguiu. Em auctores antigos, como Talhacocio e Ambrosio Paré se acha já noticia d'esta esculptura cirurgica, ou se antes o quereis, d'esta cirurgia plástica. Fazia o operador no braço do desnarigado uma incisão, onde coubesse o fragmento, que ainda havia de nariz; encaixava-o alli; atava-o com as carnes vivas do braço, e deixava-o ficar por espaço de quarenta dias, até que o nariz tivesse carne no meio da chaga, e se unisse com a carne do braço, e depois de unida, e encorporada, cortava a do braço, e no mesmo tempo que ía affeiçoando o nariz, curava as chagas. — Mais modernamente, e ha poucos annos, se começou em França, onde a cirurgia operatoria para alindar é subida a grande ponto, outro methodo mais efficaz e menos cruel: — consiste em cortar na pelle da testa um retalho, da figura de um az de espadas de tres pollegadas de alto e uma e meia de largo, com o vértice para baixo mettido entre as sobrancelhas, parte unica por onde esta pelle fica pegando com a restante: arranca-se de cima para baixo este plano de pelle; dá-se-lhe uma volta na parte inferior, onde os córtes não chegaram a tocar-se, e revirado assim para dentro o carnaz e a cutis para fóra, se ageita em feição de nariz; e por via de ferida aberta na parte respectiva do rosto se faz que solde e se encorpore, onde deve ficar.

No Periodico dos Pobres do Porto achamos que o Sr. Antonio Bernardino de Almeida, Lente da nona cadeira da Eschola Medico-Cirurgica d'aquella cidade, assim fizera, e com prospero resultado, um nariz ao Sr. Manuel Moreira Lopes, negociante de Guimarães, que, ha já annos, vivia sem elle. Por esta occasião devemos recordar que outro tanto havia já feito, ha muito tempo, e mais de uma vez o tem repetido, segundo ouvimos, o nosso insignissimo pratico e operador o Sr. José Lourenço da Luz, lente na Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa. Outros haverá, que tambem o tenham conseguido, mas de que não temos noticia para d'elles fazermos n'este logar a devida menção.

Felizmente poucas são as pessoas para quem, por lhes faltar nariz, esta noticia seja interessante; mas ha tanto pintalegrête, cujo unico mérito é a cara, que nos parece devem folgar com esta nova industria, que lhes proporciona substituir ao seu nariz de nascença outro mais bem arranjado, e até ¿porque não? variar tambem n'isso as modas todos os mezes.

BOLOS MAURITANOS.

1142 Alguns jornaes de París nos encarecem a mirífica virtude dos chamados *bonbons mauritains pour la voix*. — Todos os cantores e cantarinas d'aquella capital estão usando d'elles: todos os mestres de musica os recommendam a suas discipulas. Com aquelle debique saboroso adquire a garganta agilidade, tom e força: sae a voz com mais facilidade: dissipam se os effeito cacophónicos dos defluxos. Servem tambem os bolos mauritanos aos oradores, ou a qualquer pessoa, que tenha de fallar alto e por muito tempo. — Custa cada caixinha em París, coisa de doze vintens, e acha-se á venda em todas as boticas, lojas de musica, e de livros.

Pediam-nos algumas pessoas, que recommendassemos á empreza da ópera lyrica o mandar vir, para uso dos seus escripturados, alguns quintaes d'esta droga; mas receando as falsificações, que de tudo se faz no commercio, antes nós lhe aconselhariamos, que mandasse todos aquelles seus titires roufenhos a comer os bolos em primeira mão na propria Mauritania, onde provavelmente hão-de ser mais efficazes.

MEDICINA DE BRUTOS.

1143 Commetteu o Sr. *Vianna de Resende, antigo Repetidor na Eschola Real Veterinaria d'Alfort*, uma obra de muita utilidade. — É um diccionario popular de todas as molestias dos animaes domesticos, e dos remedios e operações, com que hão-de ser tractadas.

Esta obra é dividida em tres partes. 1.ª, Formulario geral dos medicamentos necessarios para o tractamento das doenças dos animaes domesticos: — 2.ª, Exposição pratica das operações cirurgicas mais faceis: — 3.ª, Descripção dos simptomas de todas as molestias dos quadrupedes domesticos. — D'estas tres partes, a 1.ª, começada a imprimir em julho de 1839, acaba agora de saír á luz: parece-nos que a ordem da publicação não é a mais acertada. — A descripção das molestias, por onde o Sr. Rezende quer acabar, não é, como elle diz no seu prefacio, dependencia do conhecimento dos remedios; os remedios, pelo contrario, são chamados e pedidos pelas molestias. A botica não é (ou pelo menos não deve ser) causa de enfermidades, mas effeito e lenitivo d'ellas. Assim requeria a razão que o terceiro opusculo precedesse aos dois primeiros: — entretanto este reparo, devemos confessal-o, é de pouca monta n'um escripto de tal natureza, visto que reunidos os tres volumes, de que indivisivelmente se compõe o tractado, nada ha mais facil do que começar a leitura de traz para diante. No demais, presupondo, como se deve presupor, muita sciencia no *Sr. Vianna de Rezende, Medico da Camara de Sua Magestade Fidellissima, antigo professor de Chimica Medica, antigo Medico de Epydemias em Portugal, Membro honorario e correspondente de diversas sociedades scientificas, condecorado com o habito de Christo, e Presidente da Academia dos Pacificos de Lisboa*, temos fé

implícita, (que é o mais a que podemos chegar, por não sermos veterinarios) em que esta obra será um verdadeiro thesoiro para lavradores, alquiladores, caçadores, creadores de porcos etc., etc.; classes muito numerosas, e algumas d'ellas muito uteis no estado. Prover á saude dos irracionaes é prover ao mesmo tempo á riqueza e commodos dos racionaes. Não é uma obra brilhante a que nos dá o Sr. Rezende, mas póde ser incontestavelmente uma obra de uso e prestimo, que val mais.

Uma falta nos parece haver notado no seu projecto, a que muito importaria que o auctor acudisse, porque alguns dos brutos bípedes não são menos domesticos e prestadíos, nem menos sujeitos a enfermar do que os quadrupedes, e d'elles não fez o auctor nenhuma conta. O cabreiro dever-lhe-ha a saude do seu fato: o commandante de cavallaria a dos seus cavallos; o cazalleiro a dos seus alões; o almocreve a do seu asno; mas a dona de casa ficará, como d'antes, condemnada a ver morrer ao desamparo os seus perús, as suas galinhas, os seus pombos e os seus patos. — Este requerimento é tão justo, que esperamos que o Sr. Doctor para as futuras edições de sua obra lhe defira com bom despacho, e complete a sua corôa veterinaria com o florão ornithologico, de que ainda carece.

O seguinte proveitoso artigo remettido, ha já muito, pelo seu auctor, andou até hoje extraviado sem nos poder chegar á mão: — motivo unico porque o damos retardado, com prejuizo talvez para os interprendedores da mina de *Coina*, aos quaes e ao nosso muito sabio collaborador o Sr. Barão merecemos por consequencia inteira vénia.

—

AZOUGUE.

1144 Na Revista Universal Lisbonense, pouco ha, se fez menção de certa mina de azougue em *Coina*, como descobrimento novo, e se disse que uma sociedade a estava explorando.

Para governo e interesse d'essa sociedade podem-se dar as seguintes informações.

Já nos principios do seculo passado fôra esta chamada mina descoberta por um certo Manuel da Cruz S. Tiago, como consta do alvará de 20 de dezembro de 1709, por onde o governo lhe outorgou privilegio para abrir minas por todo o reino.

Mas deixemos essa antigualha, cujos resultados, se os houve, ficaram esquecidos; em 1798 acordando outra vez a lembrança da mina de *Coina*, recomeçaram-se ahi a fazer pesquizas sob a direcção do tenente coronel ingenheiro Nimeier, e continuaram-se até 1801. O mesmo tenente coronel me informou haver importado o fabríco d'aquelle tempo em quatro contos de réis, dando por unico fructo quarenta arrobas de mercurio vivo; á vista do que se desampararam os trabalhos. Além d'estas informações vocaes, tambem me deu o mesmo Nimeier as plantas e riscos dos fossos e galerias, que abriram, do que tudo deixei copia no Archivo da extincta Intendencia das Minas no tempo, que fui intendente geral.

Em outras varias partes das visinhanças de Lisboa tambem se tem achado o mercurio vivo: —

D'aquem e d'além Tejo, e segundo as minhas observações e indagações nas formações terciarias, n'uma camada de areia argillosa mui fina e de côr esverdeada, que se acha sobreposta a uma camada de argilla plástica, cheia de petreficados. Aquella camada de areia de differente fundura se extende em Lisboa, desde o monte de Sancta Catharina ao longo do Tejo até o Paço do Bispo, e além-rio desde as alturas de Almada até a grande bacia de Coina.

Consta mais que acharam grande porção de azougue, quando abriram os alicerces da egreja de S. Paulo, ficando comprovada esta noticia no Septembro de 1831. Appareceram tambem porções de azougue na abertura de um cano no largo de S. Paulo. Não menos ha noticias de ter saído azougue de um poço ou cysterna, que se abriu no monte do Thesoiro-Velho; e eu o achei na outra banda na encosta de Almada na Quinta do Sitarro.

Que não são estes bancos e camadas arenáceas a matriz em que o mercurio teve a sua origem, é fóra de toda a duvida para qualquer geólogo. Estes bancos lhes servem só de matraste; por infiltracão chegou a depositar-se n'elles provavelmente lá nos tempos, em que ainda estas terras jaziam afogadas debaixo das ondas do oceano: portanto não havendo nem podendo haver nas dictas camadas, veias metallicas, mui poucas esperanças ficam para uma exploração productiva.

Barão d' Eschwege.

COPISTA ELECTRO-CHIMICO.

1145 De París — rua de *Saint Pierre Montmartre* n.º 12 — se podem mandar vir as máchinas assim chamadas, cujo preço varía, segundo a qualidade, de moeda de oiro a duas moedas do nosso dinheiro; mas cujo serviço, se realmente correspondem ao que os jornaes parisienses nos blasonam, val esse, e muito maior preço. Esta máchina, pela qual o seu auctor obteve patente de invenção e de aperfeiçoamento, contém, em mui pequeno volume, quanto é mister para qualquer fazer, e ao mesmo tempo copiar instantâneamente sem imprensa, todo o género de escripta, desenhos, plantas etc. — Nas secretarias e mais repartições de escripturação, poderão talvez por este meio vir-se a poupar grandes trabalhos e despezas de amanuenses.

TYPOGRAPHIA MUSICA.

1146 Traz o Boletim da *Société d' Encouragement* de *París* um relatorio de Francœur sobre o invento de Busset para se compôr musica typographicamente, como outra qualquer obra escripta. As vantagens são muitas, e óbvias. — 1.ª, A composição por charactéres moveis é mais rapida, e portanto mais barata do que o desenho da solfa na pedra para lithographar; e muito mais do que a fundição de *clichés* ou lâminas metallicas, em que de mais a mais fica empatado, e muitas vezes perdido, um grande cabedal. — 2.ª, A correcção é susceptivel de summo aperfeiçoamento com pouco ou nenhum trabalho, o que na lithographia é difficil, e impossivel nos *clichés*. — 3.ª A tiragem faz-se com tanta velocidade como a da typographia ordinaria etc., etc., etc. — De tudo isto resulta poder-se espalhar muito mais a bella arte da musica pela facilidade, que os mestres terão em publicar as suas obras, e pela barateza, com que as haverão os compradores.

Submettemos esta noticia, como proposta de publico interesse, á consideração do sabio e zelosissimo Ad-

ministrador da Imprensa Nacional. N'esse estabelecimento, em que o seu zêlo tem introduzido tão admiraveis, tão incriveis melhoramentos de dia para dia, ha um gravador de punções, cuja mão primorosa, é já conhecida pela delicadeza, perícia, e bom gosto de seu trabalhar. Não querendo ou não podendo mandar vir de París as matrizes para a fundição d'estes typos, nada seria mais facil do que entregar-lhe a elle toda a taréfa de uma tal obra, offerecendo-lhe para seu governo o relatorio, que ha pouco citámos. Toda a despeza da fundição sería mínima, comparada com o rendimento, que infallivelmente havia de accrescer á casa, quando a musica toda, que se hoje escreve á mão ou se lithographa, acudisse lá a ser composta e impressa. Não fallando já no que deixámos ponderado de utilidade para os musicos escriptores, e para os musicos executantes, a litteratura mesma viria por aqui a receber entre nós uma nova *illustração*, um novo attractivo para se lhe affeiçoarem. O poeta poderia, sem nenhum sacrificio, adornar com musica o seu volume, e completar d'esta sorte o seu pensamento, só intendido dos espiritos privilegiados, com uma linguagem, que não sem motivo se chama universal.

INSTRUCÇÃO PUBLICA.

(Vem de pag. 156.)

1147 Todas as vezes que não queiramos fazer écho a *Agrippa ab Nettesheym* sobre a incerteza e vaidade de todas as sciencias e artes, cuja obra de trévas saíu á luz por meado seculo XVII, seculo em que as faculdades mentaes pareciam estar *fisgadas*, ou quando muito reduzidas ao diccionario, havemos por força de lastimar a pouquidade, que a nossa tabella universitaria offerece de estudantes em Mathematica. Não passam elles de 70. De 1800 a 1820 foram, termo médio, 128 por anno. A sua distribuição participa egualmente de todas as máculas, que nas outras faculdades reconhecemos; o districto de Coimbra, abrange 20 dos 70. Vê-se logo que não anda aqui senão uma especulação derivada da facilidade do ensino, e que não é porque aquelle districto tenha, em que empregar estes moços em empreza alguma util e sua. Ao passo que o districto de Coimbra é dotado d'este numero de mathematicos, a provincia do Alemtejo não tem um, e Traz-os-Montes apenas 3.

A divisão dos estudantes n'esta sciencia pela população é por consequencia evidente, que deve ser muito irregular. A provincia da Beira contribue com mais da ametade do total, porque tem 36 contra 80. A provincia do Minho tem 7 vezes o numero da de Traz-os-Montes. A ametade septemtrional do reino a respeito da outra metade meridional tem (21+3+36) 60 contra 10. A concorrencia urbana e rural tambem annuncía a invasão rural sobre as cidades ou sobre o Estado, para grangear unicamente talher á meza do Orçamento.

(Continuar-se-ha.)

C. A. da Costa.

DA ORIGEM E NECESSIDADE DE UM BANDO DE OPPOSIÇÃO PARLAMENTAR NOS GOVERNOS PSEUDO-CONSTITUCIONAES.

1148 Postoque seja contrario ao bom gosto da linguagem admittir palavras compostas de nomes tomados de diversas linguas, o uso tem hoje adoptado o epitheto de *pseudo-constitucional*, para designar aquelles governos que, tomando a forma representativa, não preenchem todas as condições inseparaveis do systema verdadeiramente constitucional.

São estas condições:

Independencia e eleição nacional para todos os empregos.

Responsabilidade e publicidade para todos os actos.

Se faltam em algum governo todas estas condições, cabe-lhe o epitheto de despotico ou absoluto; se falta alguma ou algumas é pseudo-constitucional.

Nos governos despoticos, bem como nos absolutos, a ninguem é licito censurar o comportamento das auctoridades publicas.

Nos governos francamente constitucionaes o direito de censura é um dos primeiros timbres de todo o cidadão, quer seja particular, quer seja funccionario.

Ha porém entre o particular e o funccionario esta differença: que o particular, na impossibilidade de andar presente nos negocios publicos, vive em perpetua desconfiança, e por conseguinte n'uma especie de hostilidade permanente com os agentes do poder.

Mas aos funccionarios de certa ordem, para quem não deve haver segredo em nenhum dos ramos de administração publica, incumbe a obrigação de sindicar do procedimento de todos os agentes de quaesquer podêres do Estado: mas por isso mesmo, seriam repreensiveis, se rompessem n'uma accusação, antes de saberem, se houve abuso ou excesso de poder; bem como trairiam o seu dever, se, depois de se terem certificado da existencia do delicto, se limitassem a uma simples e inutil censura.

Porém nos governos pseudo-constitucionaes, onde é vedado aos particulares até o licito uso da liberdade de censura, é costume concederem-se, por forma de privilegio, aos membros do poder legislativo. Mas logo os agentes dos podêres executivo-judicial receosos de que estes se aproveitem d'esta liberdade para denunciar os abusos ou excessos de poder, que qualquer d'elles possa commetter, recatam-lhes o conhecimento de seus actos, muito mais cuidadosamente do que aos mesmos particulares.

D'aqui resulta, como necessaria consequencia, que o parlamento nacional se divide quasi todo em duas parcialidades: uma dos que, vendidos aos homens do poder, amparam o governo sem reserva, abandonando-lhes, a olhos fechados, todos os interesses do Estado: a outra parcialidade, ou por incorruptivel ou por invejosa do poder, constitue-se em perpetua hostilidade com o governo; atacando-o, umas vezes com justiça e com mais ou menos conhecimento de causa; outras vezes sem mais nenhum fundamento que a simples appreensão de que se acha preoccupada contra todos os agentes do poder.

Como n'estes systemas falsamente alcunhados de constitucionaes, se faz constituir a força do governo em poder dar ou tirar empregos, honras, e mercês; é manifesto, que todos os esforços do governo devem tender a encorpar o primeiro bando, attraindo para elle, quantos mais podér do segundo, pela concessão de seus favores.

D'aqui vem, que um ministro d'Estado em Inglaterra, o famoso Walpole costumava dizer — que trazia na sua algibeira a pauta dos valores dos membros do Parlamento.

Sendo pois conhecido este facto, aquelles dos dictos membros a quem importava arredar de si toda a suspeita de corrupção, concordaram em tomar assento n'uma parte da Camara, que os extremasse dos que a voz publica designava como vendidos ao governo ou propensos a sustentar as mais das vezes as partes dos ministros. Escolheram o lado esquerdo da Camara.

Logo apóz elles vieram sentar-se os que, sem serem ministeriaes, professavam uma prudente imparcialidade; e por isso não eram menos interessados em que ninguem os confundisse com os homens do governo. Eis o centro.

Por conseguinte desde esse momento assentar-se no lado direito intendeu-se, que significava inteira consagração a todas as velleidades ministeriaes.

Porém como, nem na sala, nem na expressão das intenções d'aquelles que occupavam o centro, se podia bem marcar uma linha de separação; resultou, que os membros mais dispostos a ajudar do que a contrariar o governo, preferiram a chegar-se mais para o lado direito; e os que o não eram tanto, foram-se assentar mais proximos ao esquerdo: ficando assim entre elles alguns poucos verdadeiramente imparciaes ou equivocos. E tal é a origem das expressões de *centro direito* e *centro esquerdo*. (1)

Vê-se pois que a formação d'estes differentes grupos teve origem na facilidade, que a constituição do Estado concedia ou consentia ao governo de corromper, pela concessão de empregos, honras e mercês, os membros do Parlamento: facilidade que distingue os governos falsamente chamados constitucionaes dos que verdadeiramente merecem este titulo; porque sendo n'estes, como acima dissémos, um principio essencial: que a distribuição dos empregos (e por conseguinte a das honras e mercês ou antes recompensas) seja sempre producto da eleição nacional; já se vê que, fallecendo ao governo os meios de corromper, não póde alli haver no Parlamento membros que lhe sejam vendidos.

Por outro lado, o principio constitucional da publicidade inteira e da responsabilidade não illusoria dos actos dos agentes do poder, torna, não só inutil, mas absurda, a pratica de uma opposição systematica; pois que a lei facilita a cada um, e sobre tudo aos membros do Parlamento, o conhecimento dos actos e a repressão dos abusos, sem recorrerem aos indecentes conflictos de tribuna ou da imprensa, que destroem a força moral do governo, e arriscam aos olhos dos povos a dignidade do Congresso.

É por consequencia tão impossivel nos governos verdadeiramente constitucionaes um bando de opposição parlamentar, quanto elle é inevitavel e necessario nos governos pseudo-constitucionaes.

Silvestre Pinheiro-Ferreira.

(1) Esta tactica parlamentar passou da Inglaterra para aquellas nações do continente que, fatigadas dos abusos dos governos absolutos, quizeram substituil-os pelo que no decimo-oitavo seculo se denominava *Governos mixtos ou moderados*. Intenderam os legisladores d'aquelles povos, que para isso bastava copiar, mais ou menos fielmente, a ficticia constituição britannica, qual se achava descripta por Montesquieu, Blackstone, Delolme, e consortes; e ainda hoje se costuma alli recorrer ás tradicções britannicas, todas as vezes que se tracta de saber o que é proprio de um governo constitucional.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

MANUEL DA COSTA, *o Subtil*.

1149 Entre os jurisconsultos portuguezes de maior nomeada no seculo XVI, deve-se contar Manuel da Costa, conhecido pela antonomasia de *Subtil*. Seguindo os usos, e talvez as necessidades do tempo, foi estudar a Salamanca, onde teve por mestre ao celebre Martim de Azpilcueta Navarro, e d'onde passaram ambos, mestre e discipulo, a Lentes na Universidade de Coimbra, quando novamente a fundou elrei D. João III. Aqui regeu Manuel da Costa varias cadeiras da sua faculdade, até concorrer á de Prima com Ayres Pinhel, homem tambem de grande, e bem assentado credito. Ficou o primeiro melhor julgado que o seu adversario, e este, sentido da preferencia, accusou os juizes de suborno, e deixando a patria, como ingrata, passou logo a Salamanca a oppor-se egualmente á cadeira de Prima da mesma faculdade tambem a concurso. — Não soffria o *Subtil* doctor a mais leve mancha em sua reputação, e assim quiz mostrar ao mundo que elle e o seu contendor eram ainda os mesmos em Salamanca que em Coimbra. Parte apóz elle, chega a Salamanca, e conta-se que ainda de espóras calçadas subira á cadeira a fazer o seu acto de opposição. Tal vantagem levava n'elle ao patricio oppositor, que os ouvintes da facção de Ayres Pinhel tomaram o expediente de interromper ou perturbar ao Costa com uma pateada. Elle porém com voz firme, e imperturbavel rosto, batendo as palmas, exclamou — ouví, ouví, Senhores; que estaes ouvindo a outro Papiniano. — Com isto serena a tempestade, continúa a torrente da eloquencia e sabedoria de Costa, e eis novamente vencido em leal batalha o illustre Ayres Pinhel, a quem só a morte de tão inexoravel adversario póde abrir caminho para a cadeira de Prima. — Conta-se mais do *Subtil* Costa, que sendo em artigos de morte perguntado, quem achava digno de succeder-lhe na cadeira, respondêra, que seu filho Jorge da Costa, pois sabia mais que Baldo, e quasi tanto como elle. Não deixava o *Subtil* jurisconsulto o seu credito por mãos alheias.

J. H. da Cunha Rivara.

RAUSSO POR HOMIZIO.

Romance Historico.

(Continuado de pag. 160.)

III.

Açor por Varas.

1150 — Coisa de tres tiros de bésta para lá da ermida.... dois cavalleiros moços, e obra de doze homens d'armas....

— E sobre tomarem o açor por força, dizêdes vós que á sua mercê requestam e réptam para em lide se matar com elles....

— A todo o transe e sem misericordia; seria peccado havel-a, D. Reimão, com taes ladrões, que nem ás aves perdoam; dôr de reiras o consuma, e aos cascaveis de Galaôr! — sem elles nunca deram comnosco.

— Quem a toda a caça se lança, nenhuma alcança; já vos tornaveis com o açor em punho....

— ¡Se o milhano não passa!... sempre tinha de ser; antes os damnados dentes da vossa matilha, Martim Lebreu, me desfizessem sáio e capa com serem de panno de Ipre verde, de onze soldos brancos o covado!

— ¡Sim, sim! manhoso vos dizem, Pero Voador, e nem só *lavado* para os falcões trazêdes na bolsa.... que já alguem a viu forrada de bons maravedís de prata.... mas enchugade-me uma vez de vinho e haverêdes quebra n'esse cuidado....

— ¡Quebra n'este cuidado! escolhêde-o de cincoenta entre falcões nebrís e girifaltes todos primas, e dizêdes vós Martim Lebreu....

— Que não me descose isso a mim o sáio, nem me aquenta, nem me arrefenta: olhade, Pero Voador, quanto menos d'essas mofinas aves por cá andarem, melhor: lá vos avinhades como quizerdes — ainda se fôra o meu bom alão *Bravor!* — Bem certo falla o rifão: «quem corre á lebre não se desvia para prender gamos;» ¡o que sei é que tudo vae do ensino!

Os dois personagens, entre quem se travára este dialogo, emquanto na sala de honra passava a scena, que referimos, estremavam-se por inclinações, geito e artes. — Um mandava na terra; governava o outro nas alturas; ou o que val o mesmo, Martim Lebreu, (e não respondia á figura o sobrenome, porque mestre Lebreu era gordo como o Imperador Vitellio, e guloso como Heliogabalo) havia inteira alçada nos dominios da montaria com direito de *trélla* e *cutello* sobre a sua adúa e moços de monte, com os quaes dispendia largas horas no glorioso mister de ensinar cães e homens;— horas negras e atravessadas para os tristes, que era sugeito o nosso monteiro a uns enthusiasmos bacchicos, que paravam, ou para melhor dizer, se inclinavam sempre para os costados dos seus vassallos na prosáica forma de tagante, ou de alentada haste de venábulo; afóra esta leve pécha era como de si affirmava, com *sublime persuasão*, o melhor homem do mundo. — Nem todos eram do seu parecer.

Não doiravam estas prendas a Pero Voador, pequeno de corpo, e já de annos; sommavam todos os affectos do honrado falcoeiro no ensino e mestria de suas aves; quasi louco o tiveram com a morte do bom Martim Viegas: — não era todavia a perda do amo o que mais sentia; chorava unicamente o ter-se finado n'elle um dos apurados mestres da mui nobre caça da altenaria.

Uma duvida sobre a preeminencia das suas artes arreigára a inimisade no peito dos dois; saudavam-se, praticavam, e conviviam, mas, similhantes a sábios émulos, com sorrisos falsos, e palavras mansas cobriam a má vontade e o rancor. A palavra *ensino*, que era bordão certo de Mestre Lebreu, accendeu as iras do falcoeiro, que redarguiu enraivado:

— ¡Do ensino! dois pares de falcões tenho na creação, e outros a ensaiar no vôo; vede-m'os: — nenhuns, mas que sejam os do senhor rei, se hão-de nunca assimilhar a Galaôr no remontar a prêa; que sobia direito a ella sem fazer pontas a uma, nem a outra parte; — ¡pois caparoeiro! d'elle dizia dois annos ha o meirinho da provincia, que por si só valia todos os que víra: e bem se podia crer aquella historia, do rei de Castella, que por este, se o alcançára, tinha de empenhar com o Conde Fernan-Gonçalves mais ainda, do que o reino!... ¡ensino!... E bom é o que dades aos vossos alões e sabujos, que não é para maravilhar tão gulosos e esfaimados andarem: ¡do mestre aprenderam as manhas!

— ¡Olá! dom sandeu — bradou ardendo em chólera o monteiro — ¿que são todos os açores do mundo ao pé do meu *Bravor?* Rapoza ou javardo, que se levante, nunca lhe perde a peogada, nem cervo tão prompto no vento, que não corra e trave ardido. Os vossos falcões ¡de mal peccado! já custaram dois escravos moiros, que mais cedo foram arder com o démo, affogados nos pégos e apahues, que nadavam para lhes aprazar garças.... ¡gulosos os meus lebreus! Que outra coisa havia um velho tonto de resmungar, se o pobre nem acerta no que vae do milhano ao falcão!

Era para Pero Voador aquella affronta a suprema injuria humana, e vibrada pelo homem, que aborrecia com as véras d'alma — entrou-lhe no peito funda como a ponta azerada de bulhão agudo.

— Más maleitas te colham a ti, e aos réfeces que me sacaram o melhor açor da terra.... bem é que a perros queira tanto quem de perros vem — gritou desatinado o falcoeiro; — filho de judeu te dizem.... ¡nem outro póde ser o sangue ou antes o vinho d'essas veias!

Martim Lebreu ficou primeiro petrificado de pasmo e de indignação: levou depois a mão ao punho da gomía, ou faca curva moirisca, que lhe pendia ao lado, e soltando por entre os dentes cerrados um rugido, ía investir com mestre Pero, quando lhe atalhou a furia uma voz cheia e sonora:

— ¡Vamos, vamos! ruim contenda é essa, que ora tendes; ¡não querem vêr dois christãos a matarem-se por um triste cão!... Enfiade-me já a gomía, mestre Lebreu, se não comigo vos haverêdes.... que mais rijo entra este cutello no corpo, do que a vossa pansa nas viandas da ovençaria, com fazer lá, segundo o mordomo affirma, maior estrago que toda a vossa matilha de belzebuths....

Martim Lebreu voltou a cara com sanha; mas esmoreceram-lhe para logo os brios ao pôr os olhos no homem, que tão descortez nas palavras refreava a sua vingança. — Era o armeiro Pero Britador, a melhor espada peã d'aquelle tempo. Não foi todavia de bom grado, que aprazou para mais tarde o soldar a conta: comparou porém a sua estatura quasi espherica, roliça, e curta com a do robusto e espadaúdo armeiro; calculou mentalmente o cubo do seu vigor e esforço, junctou-lhe o cutello e o punhal do contrario, e acabou por embainhar a gomía.

— Sandices andam sempre na bocca do *meirinho da cosinha* — disse elle a Pero Britador — no céu esteja o pagem que tão ajustado nome achou; nem ha maior javardo de monte, que esse mofino velho, tão afferrolhado no alheio, como as arcas do caifaz Abraham de Coimbra.... Pero Voador ficade-vos muito nas boas horas; mas se os lombos vos não doêrem em pouco excommungado seja eu pelo senhor Papa.... — E saíu com ademanes altivos o mestre, mui sabedor das matilhas do Castello; na cóla lhe desfechou logo o bom do armeiro a mais ruidosa e sincera gargalhada, que nunca se ouvíra.

— ¡Não vos sabia aqui! — disse passados momentos o falcoeiro — fazia-vos agora mesmo em Coimbra;

boas fadas vos trouxeram, que não era eu muito a meu prazer ha pouco....

— Nem o caso para tal: da côrte me parti a levar dois bons arnêzes e um capello de ferro ao Conde de Urgel; e de lá aqui com recado seu para D. Reimão.

— ¿Máu tempo para jornadas?

— ¡Não muito máu, para quem vem nas pernas de outrem! o peior era a aljaveira, que era já no fio — e o démo a saltar lá como em paços seus; bem magra saíu a mesquinha; vede-m'a gorda e anafada, que nem leitão de dois mezes! E com certas *papagens* onde pelo direito m'a cisaram como moiros ou judeus!

E abrindo a capa de peão lhe mostrou um dobral bem recheado, ao que parecia, da *diva pecunia*.

— ¿Pelo seguro, sobre o sáio, essa malha d'aço, e ao lado o bom cutello? — perguntou o outro. — São leaes amigos, que não ha esquecer, ou largar; e ahi fóra na barbacan com o desalmado perro de um escudeiro de Martim Cravo, que lá era a fallar a sua mercê os quizera eu provar: ¿não ouvistes o rebate da atalaya?

— Ah! ¡maldicto seja o démo! de todo me varreram as sandices de Martim Lebreu, o répto da cabeça! ¡Sancta Maria val! ¿e será já na sala d'armas?

— Lá deve de estar: tres varas traz o mofino para por parte de tres cavalleiros fazer requesta a D. Reimão. ¿Dizêde, mestre Voador, certo é o haverem elles sacado á força o vosso bom açor prima?

— Tão certo, como é peccado apanhar falcões e açôres antes do S. João, ou tomar-lhe os ovos! Mas boa tenção teem estes que pagam o açor por varas....

— Ás varas os quizera eu — retrocou o armeiro — como a bruxa comborça da tia Brazia de Coimbra, e a ancia do alcaide no chumaço; só, em vez do *coitado*, que não era para taes autos, um braço como este meu!...

— Tá, tá! ¡atagantar esses milhanos! — acudiu o falcoeiro; — roiam-vos os piozes, e lançavam-se ás aves mais féros e bravos....

— Avisadamente fallades, Pero Voador; melhor lhes fôra uma absolvição com o meu philisteu; e tal pancada lhes déra o malho, que de bigorna haviam de ter a cabeça para não valer por um talho da boa espada de Fernão Annes!... Mas ouvide: na sala de honra são a esta hora pagens, escudeiros, e o ovençal; bofé, que ninguem é mais apôsto para contar a historia do açor.... ¡porventura servirá de muito ao caso!...

— Seja como vos aprouver.

Os dois seguiram pela corredoira, viraram para a esquerda, e emboccaram com a porta escancarada de par em par: lá dentro estava D. Reimão assentado em um escanho, e ajoelhado diante d'elle, com o casco na mão o escudeiro, que trazia pintadas no arnez as armas de Martim Cravo.

— É obra minha — disse em voz baixa o armeiro, apontando para a coiraça — e todavia tão fino córte tem este cutello, que lh'a romperia como se fôra um dos pergaminhos de Roma!

Mas prendeu-lhes logo a falla e a attenção o que alli se passou depois.

Luiz Augusto Rebello da Silva.

(Continuar-se-ha.)

ACHADA CURIOSA.

DESCRIPÇÃO DOS OBJECTOS ACHADOS NO INTERIOR DE UMA CAPELLA, DENOMINADA DE SANCTA QUITERIA, NA EGREJA DE S. ROQUE, PERTENCENTE Á MISERICORDIA DE LISBOA.

(Vide pag. 148.)

1151 1.° Dez Bustos de madeira, de tamanho natural, que representam varias sanctas Martyres, tendo no peito reliquias, e authenticas (segundo parece).

I. Com duas reliquias, *XI. M. Virg.* — *S.ta Marcilia Virgem.*

II. *XI. M. Virginû* — *S. João*, e outra reliquia.

III. Com tres reliquias — *XI. M. Virginû, S. Vedasto.*

IV. Com uma reliquia.

V. *XI. mil Virginû.*

VI. Com uma reliquia.

VII. *XI. m. virg.* — *S.ta Augusta m.* — e outra reliquia.

VIII. Com uma reliquia.

IX. Com outra dicta.

X. *S.ta Dorothea Virg. m.*

2.° Tres braços de madeira doirada — o 1.° com uma cana de braço — *sem nome* — o 2.° com a letra *S. Crispim mart.* — o 3.° — *Onze mil VV.* — Mais uma mão de madeira, tendo no grosso do pulso a letra *S. Bento.*

3.° Uma Imagem de N. S. da Conceição, em madeira, pintada, que tem pouco mais de tres palmos de altura.

4.° Seis relicarios, de madeira doirada, de fórma quadrilonga.

Os dois maiores teem de comprimento 4 palmos, e 2 palmos e um quarto de largura.

O primeiro tem 31 reliquias; e no meio um *Agnus Dei*, pintado, tendo por baixo do Livro em que descança o cordeiro as palavras seguintes — *Custodit Dñs omnia ossa eorum.*

O segundo relicario tem 93 reliquias: e a meio tem um *Agnus Dei* de cêra.

Os dois relicarios immediatos teem 3 palmos de comprimento, e dois de largura: o primeiro tem 19 reliquias; e o segundo 20 tendo a meio uma pequena cruz com esta lenda por baixo — *Esta cruz he da propria arvore, e do tamanho da cruz que apareceo na arvore do Japão añ* 1592.

Os dois relicarios mais pequenos teem cadaum 2 palmos e meio de comprimento, e palmo e meio de largura: — o 1.° tem 40 reliquias — o 2.° 36, sendo algumas d'estas pertencentes ás onze mil Virgens.

5.° Dois relicarios de metal doirado, em fórma de custodia, que tem pouco mais de dois palmos de altura: o 1.° tem 12 reliquias, o 2.°, 9. — Mais 8 relicarios, em fórma de columna, tendo cadaum d'elles uma reliquia. — Mais 2 dictos de madeira, em fórma de piramide, que tem dois palmos e meio de altura, tendo cada um sua reliquia: uma diz — *Ex cemiterio Cyriacœ*, outro — *SS.ti Joannes et venerunt' Mart. Ex cemiterio Cyriacœ.* — Outro relicario, de madeira doirada em fórma de cruz, que tem quasi tres palmos de altura, com 27 reliquias. — Um dicto, dicto, que tem pouco acima de 2 palmos com a verónica do Senhor e a lettra — *Retrato de S.ta Veronica* — e por baixo as seguintes reliquias — *São Vedasto m.* — *Dedo de S. Aquileo mart.* — *um queixo com onze dentes*, e a

lettra: *Ex societate S.tæ Ursulæ*; e mais duas reliquias, cujos nomes se não vêem. — Mais um relicario pequeno, de metal doirado, com uma só reliquia.

6.º Um cofre de metal doirado, que tem um palmo em quadro, com quatro campainhas nos cantos; e tem as reliquias seguintes — *De S. Christovão, S. Longinho, SS. 7 Dormientes, S. Zeno Martyr, S. Petronilha Virg. S. Basilica Virg. et Martyres de S. Potentiana* etc. — *S. Thomaz Arp.do de Cantuaria, S. João Chrysostomo, S. Calixto Papa, S. Estevão Proto Mart., S. Cypriano.*

7.º Outro cofre de charão, marchetado, em fórma de bahú, que tem pouco mais de um palmo, contendo algumas reliquias.

8.º Outro dicto de um palmo de comprimento com fechadura, e chave de prata com varias reliquias, e entre outras as de *S.to André Cathequista, e primeiro Martyr da Cochinchina* etc.

9.º Uma caixa que terá palmo e tres quartos de comprimento, e palmo de largura, e quasi outro de fundo, com um rótulo, que diz — *Quatro corpos de Santos desfeitos em pó.*

10.º Um cofre de madeira doirada, com 2 palmos de comprimento e um e meio de largura, e um de fundo, tendo dentro uma capa de sarja preta, involvida n'um panno branco, tão bem conservada que ainda poderia servir.

11.º Uma caixa, de palmo e meio de comprido, e um palmo de largo, fechada, que talvez contenha alguma, ou algumas reliquias.

12.º Uma caveira na qual se lê o seguinte — *S. Vedasto Bispo de Arras em França, 6 de Fevereiro.* —

13.º Dezoito trouxas involvidas em damasco, sedas, e outros tecidos, que conteem, quasi todas, craneos de varios sanctos.

NOTICIAS.

ESTRANGEIRAS.

1152 A Inglaterra já dormiu um pouco sobre a embriaguez dos seus triumphos orientaes; e emquanto as suas fabricas se dão pressa de aviar mercadorias para o novo mercado chin, outra sua fabrica, a imprensa, anda apreensiva sobre se aquelle sol do oriente será sol de muita dura. Pelo menos a evacuação de parte da India muitos politicos, não só francezes mas inglezes, teem-n'a por um symptoma de debilidade.

Em França constava, que Argel se gosava de paz profunda quarenta leguas em redondo; resultado de victorias recentes.

Na Hispanha jaz esmagada a insurreição. O rigor *feroz*, que para isso se empregou, e o *mais feroz abuso* da victoria, que se lhe tem seguido, prova, no intender de muitos, mais fraqueza do que poder. Quasi toda a imprensa troveja verdades conta o regente. A liberdade das opiniões, que é a guarda de todas as liberdades, importuna o governo: — chovem quotidianamente as querelas contra os periodicos; mas a imprensa é como a palma, mais se levanta quanto mais a carregam: a parcialidade moderada vae por ora vencendo nas eleições; e tambem isto, n'um paiz regido com vara de ferro, póde apressar futuros, aliás inevitaveis.

PORTUGAL.

ACTOS OFFICIAES.

1153 *Diario do Governo de 15 de dezembro.* — Portaria para que as Camaras municipaes promovam a plantação das amoreiras. Decreto nomeando os thesoireiros pagadores creados pelo de 21 do corrente mez. Outro para que se descontem ao corpo telegraphico 20 réis diarios para fardamento. Venda de bens nacionaes em Beja, Evora, Leiria, Coimbra, Aveiro, Braga, Bragança, e Faro.

Idem de 16. — Decreto organisando de novo o Terreiro, e reduzindo as suas despezas. Outro: regulam-se o quantum e o modo de arrecadação dos direitos dos barcos da pesca.

Idem de 17. — Decreto nomeando uma juncta para examinar o Projecto de Codigo Consular Portuguez. Ordem do exercito n.º 55. Portaria suscitando a observancia do aviso de 3 de abril de 1838 a respeito dos que se dedicam á vida ecclesiastica. Venda de bens nacionaes nos districtos de Vizeu, de Vianna e Bragança.

Idem de 18. — Portarias sobre pautas. Ordem do exercito n.º 56. Venda de bens nacionaes nos districtos de Coimbra, Guarda, Portalegre e Villa Real.

Idem de 19. — Decreto reorganisando as Obras Publicas. Outro: approvam-se as condições do novo contracto com a Companhia Confiança. Ordem do exercito n.º 57. Venda de bens nacionaes nos districtos de Leiria, Lisboa e Santarem.

Idem de 21. — Decretos dissolvendo os corpos de Segurança Publica de Faro, Castello Branco, Portalegre, e o de cavallaria de Evora. Outro: regula-se a distribuição de fardamento ao exercito.

OS INNOCENTES.

1154 Diz-se, que a tocante solemnidade, que a Misericordia de Lisboa costuma no dia dos Sanctos Innocentes, vae ser este anno, ainda mais bella. — Os engeitadinhos receberão, como das outras vezes, a affectuosa visita do publico: mas á porta da egreja estarão, segundo se affirma, a Viuva de D. Pedro e a Ex.ma Marqueza de Fronteira, pedindo, e recebendo esmola para elles, e para os outros innocentes, a quem, nos asylos estabelecidos, se liberalisa o pão do corpo e o do espirito, o sustento e a instrucção. — ¿¡Quem não correrá a esmolar, quando são taes as mãos, que mendigam!?

CHARIDADE.

1155 Escrevem de Cascaes ao *Nacional*:

«Desde o dia 7 d'este mez tem esta villa dado um «exemplo de charidade, que muito honra os seus ha«bitantes. Cento e quarenta homens que compunham «as companhas de quatorze saveiros, que aqui exis«tem encalhados sem poderem ir ao mar por causa do «tempo, teem sido sustentados todos os dias pelos soc«corros dos generosos habitantes de Cascaes, os quaes «á porfia teem concorrido para um acto tão digno de «elogio.»

INNUNDADOS DA MADEIRA.

1156 S. Carlos segue o exemplo dos Amadores da Scena Portugueza. A 29 dará uma representação para beneficio dos innundados da ILHA DA MADEIRA. — Veremos se a empreza dos Condes perde esta occasião de merecer algum louvor.

NECROLOGIA RELIGIOSA.

1157 Por falta de espaço não publicamos hoje o artigo que ácerca do Padre Miguel André de Biencardi, fallecido n'esta cidade a 13 do corrente, nos enviou o Sr. S. J. R. de Sá.

BIBLIOTHECA DAS DAMAS.

1158 Em carta, que do Porto nos escreve uma senhora respeitavel, somos rogados a condemnar parte de uma collecção de contos, que n'aquella cidade se

publica aos folhetos, sob o titulo de *Bibliotheca das Damas*. Fallecendo-nos tempo e gôsto para examinarmos, por nós mesmos, tal género de fazenda, hoje tão abundante e sobeja na nossa imprensa, não incorreremos censura de temerarios, deixando fallar, por nós, pessoa de tanto juizo como a nossa virtuosa correspondente.

«Os primeiros contos — diz ella — me pareceram «bonitos, ainda que mais proprios para entreter creanças do que senhoras. O terceiro, *Tintiano*, indignou-«me pela sua immoralidade e indecencia. Dos seguin-«tes nada direi: uns melhores outros peiores, mas co-«mo *Tintiano* nenhum. O *Pachá de Buda*, que vem «no oitavo quaderno, novamente excitou a minha ira. «— Já que ás pobres das mulheres nem é consentido «dizerem a sua opinião nas coisas, que mais lhes to-«cam, e interessam, desabafo ao menos, dirigindo-«me a um redactor, que professa combater sempre os «abusos, e defender os bons costumes portuguezes. «O conto do *Pachá de Buda*, aliás frívolo, tem por «conclusão — que tão boa é a religião de Christo co-«mo a de Mafoma: — até parece que o auctor nos re-«commenda a ultima como mais sublime..... «¡ Uma mulher com o terceiro e oitavo livro da *sua* «*bibliotheca* tem uma excellente instrucção!... ¡¿ Sem «costumes, nem religião, que é uma mulher?!.. Di-«rão porventura, que não é aconselhar a irreligião, «elogiar o alcorão; e que bem póde uma mulher ter «outra crença sem ser a christã. — Deixando de parte «as excellencias da religião de nossos paes, que é a «mais sancta, e a que melhor doctrina uma filha, uma «esposa, e uma mãe, é bem sabido que uma mulher «creada no christianismo ou ha-de ser christã ou não «ha-de ter crença alguma. — ¡ Se os homens querem «ser deístas ou mesmo atheus — ¡ embora! — mas ao «nosso sexo deixem-lhe a religião! — ¡ Não nos rou-«bem a melhor guia na prosperidade e a maior con-«solação no infortunio!

«Os Srs. Editores da *Bibliotheca das Damas* podiam «pois, me parece, dar-nos coisa melhor, ou deixar-«nos sem *bibliotheca*, pois que mais val nada lêr, do «que lêr livros perniciosos.»

«.....

Ha n'este assumpto, em que a auctora, tão discretamente se declara pela boa parte, muito maior fundo de philosophia do que á primeira vista parece. — Outro dia mais de espaço procuraremos sondal-o, alvitrando algumas applicações praticas de proveito.

PRECIOSIDADE ARTISTICA.

1159 Andando obras pelos fins do mez passado, n'um dos armazens da Imprensa Nacional, ao remover-se, para se desmanchar, uma estante velha apparece por detraz d'ella um caixote de tres palmos por banda e um de altura, atado com umas cordas. O fiel do armazem, inquirido pelo Administrador, que se acha presente, responde — que lá dentro nada mais deve de estar do que esboços e desenhos dos discipulos da aula de Gravura, que alli houvera antigamente. — Abre-se o caixote; póde ter razão o fiel; são desenhos, e manifestamente antigos. O Administrador, mais por natural curiosidade que por suspeitar importancia alguma em tal achada, aproxima-se a examinal-a por si mesmo; — não é elle artista — tem apenas em tal materia esses conhecimentos geraes que o homem de estudos e de boa sociedade nunca deixa de possuir; mas o que tem ante os olhos captiva a sua attenção: esta, a cada folha que rapidamente volta, se lhe vae convertendo em admiração, em assombro: — ha ahi rasgos magistraes que não é licito desconhecer; ha, para remate de encantamento n'esses papeis desterrados e esquecidos alguns e muitos nomes dos mais famosos mestres. Todos estes esboços podem não ser senão copias de estudo, e os nomes que os illustram méras designações dos originaes, cujo são transumpto: entretanto é indispensavel e urgente verifical-o. — Chama um antigo empregado da casa, habil artista gravador: mostra-lhe os desenhos; pergunta-lhe, se tem d'elles conhecimento: ouve-lhe o suspirado sim; e que sabe de certo haverem sido comprados por perto de 500 mil réis á condeça de Vimieiro; mas ignora o que depois fôra feito d'elles.

Era já mais que bastante para proceder com affoiteza e sem nenhum receio de ridiculo ao exame dos peritos. Convida curiosos intendedores, convida distinctos lentes da Academia de Bellas Artes, todos concordam em que é uma collecção de alto preço e que n'um mercado opulento, como o de Londres se resgataria por muitas libras.

Eis o que por nossas indagações havemos podido descobrir. São os desenhos 390 e tantos, de diversos formatos, collados em folhas de papel, que formam 46 quadernos. Uma parte d'elles, que não chega a ser terço, não traz os nomes dos auctores, sendo que alguns se representam excellentes: todos os restantes vão attribuidos a mestres das differentes eschólas: — Raphael, Julio Romano, Ticiano, Corrégio, Paulo Veronêsi, André del Sarto, Schidoni, Pedro de Cortona etc.; e a alguns pintores portuguezes, bons artistas e pouco conhecidos hoje, taes como, Campello, Amaro do Valle, Fernando Gomes, Gaspar Dias etc.

Os contrastes, até agora consultados, intendem que a authenticidade de alguns desenhos se não póde sustentar; que a de outros é duvidosa; a de outros incontestavel. Desenhos ha ahi tambem (poucos são) que não mereceriam achar-se em tão honrada companhia.

Consta-nos que o Administrador déra logo parte ao Ex.mo Ministro do Reino; tendo demorado a apresentação do seu relatorio official ao governo, por desejar primeiro amadurecel-o e completal-o com todos os possiveis estudos, assim sob os objectos achados, como nos livros de assentos e registos do estabelecimento.

UM CRIME DESCOBERTO PELO ACASO.

1160 Terça feira ás duas horas da tarde os que tomavam o sol no passeio publico de S. Pedro de Alcantara, contemplaram um quadro bem lastimoso. Por baixo da muralha a terra, escarnada pelas ultimas chuvas, e acabada de revolver por um rapaz, descobriu uma creancinha recémnascida. Todo o corpo estava já patente, só a cabeça permanecia debaixo da terra. A inteireza das carnes attestava, que este maleficio fôra commettido recentemente.

RESUMO DAS OBSERVAÇÕES METEOROLOGICAS DO MEZ DE NOVEMBRO DE 1842.

1161 Temperatura media das madrugadas 51,° 8 F (9.° R) — dita nas horas de maior calor 61,° 7 (13 ¼) — dita média do mez 56,° 7 (11.°) — Variação média da temperatura diurna 9,° 9 (4 ½) — Maior variação do calor diurno, em 8 do mez, 19.° (8 ½) — Maior frio a 7 do mez, 33.° (½) — Maior calor

no primeiro do mez, 69.° (16½) — Maior altura do barometro, a 27 do mez, 736, 1 millimetro — Maior a 18 do mez, 767,2 mill. — Média do mez, 758,8 mill., reduzidas estas alturas á temperatura de 61.° F.

Ventos dominantes contados em meios dias. — NO,6 — O,2 — SO,16 — S,6 — NE,8 — E,1 — SE,1 — V,2 — B,18.

Estado da atmosphera. Dias claros, 7 — claros e nuvens, 1 — cobertos, 5 — cobertos com alguns clarões, 2 — chuva ou chuviscos, 15 — nevoeiros, 5 — tempestades, 5 — ventosos 9. — A chuva recolhida no decurso do mez, subiu a 119 millim., ou 35 almudes por braça guadrada, excedendo por consequencia mais uma terça parte a que costuma caír regularmente n'este mez.

As *quadras dominantes* foram sete: a 1.ª de seis dias tepidos e muito humidos, céu coberto, alguns nevoeiros e chuvas brandas alternadas com bonanças e ventos fracos variaveis: a 2.ª de tres dias, extremamente frios, gelando a agua em alguns sitios na madrugada de 7; ar muito secco, e ventos do NE: a 3.ª de outros tres dias muito tepidos, e extremamente humidos com chuvas abundantes, e ventos rijos do SO: a 4.ª, tambem de tres dias com a temperatura egual á antecedente, densos nevoeiros de manhã que se elévam nas horas meridionaes, conservando-se a atmosphera coberta e muito humida: ventos bonançosos, ou pequenas aragens, terminando a quadra com um dia de chuva: a 5.ª de cinco dias frescos nas madrugadas, céu muito claro, bonançoso, com o ar secco: a 6.ª de quatro dias muito tepidos e humidos, nevoeiros densos, céu coberto, e ventos brandos do SO: a 7.ª e ultima, de 6 dias, muito tepidos, humidos, e chuvosos, com repetidas tempestades do S, e SO, que causaram muitos naufragios. Decorreu portanto este mez, com uma temperatura assás regular, contando-se apenas tres dias de frio intenso; porém foi extremamente chuvoso, e muito tempestuoso nos ultimos cinco dias. Pelo que temos descripto do andamento meteorologico d'este anno, se vê que as abundantes chuvas que caíram nos dois mezes do outono, com que findou, foram equivalentes á metade da chuva total de todo o anno (543 millimetros), a qual apesar d'este grande reforço, ainda assim foi um pouco menor da que cáe em um anno regular; a saber 584 millimetros, ou 171 almudes por braça quadrada, defficiencia, que procedeu da pouca agua que caíu nos quatro mezes do inverno (dezembro 1841 a março 1442), da notavel seccura das seguintes estações.

Phenomenos notaveis. As excessivas chuvas d'este outono, e as impetuosas innundações que se lhes seguiram tem sido geraes não só na peninsula, mas em quasi toda a Europa central e meridional. Em *França*, e no reino de *Napoles* causaram grandes perdas, especialmente nas *Calabrias*, e nas outras provincias meridionaes d'aquelle reino, assim como na *Sicilia*. Os rios e as torrentes, engrossadas pelas chuvas derribaram pontes, casas, e arvores seculares, arrojando pedras, e entulhos sobre os campos cultivados, perecendo em tal conflicto muitos individuos e gados. Alguns tremores de terra coincidiram com aquelles phenomenos, e abalaram diversas cidades da *Sicilia*, e muitas povoações das *Calabrias*, sem comtudo causarem prejuizos notaveis. — As perdas experimentadas na *Andaluzia* pelo terrivel furacão de 29 de octubro foram avaliadas em 500 contos de réis.

Em 13 de novembro houve copiosissima chuva em *Nantes*, e pelas 11 horas da noite um tremor de terra que durou 4 a 5 segundos, sendo acompanhado de duas fortes detonações, e do costumado trovão subterraneo, que permaneceu emquanto durou o abalo. — Em 15 houve na cidade do *Porto* uma chuva extremamente abundante, que caíu sem interrupção desde as 2 até ás 7 horas da tarde. — Os intensos frios da segunda quadra, que em *Lisboa* só permaneceram 3 dias, foram egualmente intensos na *França*, em cujas provincias meridionaes caíu grande quantidade de neve descendo o termometro alguns gráus abaixo da congelação desde o dia 6, precedendo dois dias a apparição do mesmo frio em *Lisboa*. — A 7.ª quadra que no decurso de 4 dias foi assás violenta e thempestuosa n'esta cidade, causou alguns naufragios na barra, e muitas avarias dentro do *Tejo*, fazendo abalroar diversas embarcações surtas no rio, e encalhando nos caes muitos barcos. Eguaes prejuizos causou na cidade do *Porto*, e nas costas da provincia do *Minho*, aonde aconteceram naufragios. Em *Coimbra* muitas ruas foram innundadas em consequencia das grandes chêas do *Mondego*.

Necrologia de Lisboa e Belém. No mez de novembro foram recebidos nos tres cemiterios 583 cadaveres, sendo 348 do sexo masculino, e 265 do feminino: maiores 348, e menores 235, do que se deduz que a perda foi um pouco inferior á média deduzida dos annos antecedentes, a qual sóbe regularmente a 595 n'este mez.

M. M. Franzini.

O RIDICULO N'UM FUNERAL.

1162 As participações, que se fizeram ás tropas, que deviam ir render as honras funebres aos despojos mortaes do chefe de esquadra, Felix Pereira de Campos, na quinta feira ultima, foram taes, que ambos os cemiterios receberam tropas; — S. João o batalhão naval — N. S. dos Prazeres os batalhões 7 e 16 e meia bateria. — A certeza de uma sepultura não é já pouco; duas para a mesma pessoa era demasiada importunação de cortezia; o cadaver, que não podia estar ao mesmo tempo em duas partes, foi para S. João, onde só veio a ter metade da pompa, que lhe era destinada: os dos Prazeres, vendo passar a hora, e as horas e o dia, recolheram-se aos quarteis, fazendo sobre a falta de pontualidade de um defunto reflexões mais curiosas, do que a sisudesa do assumpto requeria. O amanuense, que taes ordens escreveu, concordavam todos a final, merecia um bom commando em tempo de guerra pela destreza, com que havia de dispôr as tropas para que o inimigo por nenhuma parte lhe escapasse.

CONDUCTORES E CONDUSIDOS.

1163 Conta a *Restauração*, que a 19 do mez passado apparecêra a meia legua de Abrantes, mal ferido e roubado de todo o seu dinheiro e bagagem um cavalheiro castelhano, por nome D. João Maria Louzada. Os almocreves, que de Campo-Maior o condusiam, foram os auctores do crime; e deixaram-n'o ahi, julgando-o morto. Tornou porém em si; e espera-se que os soccorros, que lhe liberalisam no hospital de Abrantes, para onde o trasladaram, o salvarão. Em represália, um desertor do batalhão n.° 16, Carlos José, degolou na charneca de Tancos, segundo nos refere a *Revolução de Septembro*, a um almocreve, que o condusia; e acha-se preso na mesma villa de Abrantes.

SUICIDA OBSTINADO.

1164 Um ex-escrivão do deposito, casado e com filhos, andava, de tempos a esta parte, tão desvairado do juizo que, já por duas vezes, se havia lançado ao Téjo para dar cabo da vida.

Sabbado 17 do corrente, ás 4 horas depois do meio dia, repetiu a tentativa, baldeando-se de uma janella de sua casa, na travessa da Palha n.° 92, 2.° andar. O peitoril da sacada do primeiro, onde bateu, lhe quebrou a maior força da quéda, mas não tanto que vindo a malhar com a nuca na calçada não perdesse de todo os sentidos. Acudiram-lhe com sangria, e passados poucos minutos tornou em si. Sua esposa, que mais se póde chamar viuva, cercada de seis filhos, e em vésperas de augmentar ainda aquelle bandinho de infelices, acha-se, pela vehemencia da dôr, quasi tão alienada como elle.

¿ ENTÃO QUEM SALVOU O MOIRO?

(Carta.)

1165 *Sr. Redactor.* — Conhecendo a minha nullidade chronica, jámais escreveria coisa que em meu nome apparecesse impressa, em qualquer jornal litterario, se o respeito para com V. a quem só conheço por seus excellentes escriptos, e pela nunca interrompida fama; não me obrigasse, para desagravo de seu tão bom e util jornal, a participar-lhe que, sim servi de protector ao Moiro Hagi Abdasalam Bin Amour; mas não na desordem da rua do Oiro, por onde nem passei n'aquella occasião, nem de tal desordem tive noticia, senão em 7 de Novembro.

No artigo n.º 1102 da Revista do 1.º de dezembro corrente vejo-me alli inculcado como um Hercules, quando a natureza me negou até a ordinaria força muscular precisa a um pigmeu, como pareço. A' vista d'isto, e da circumstancia de muitas pessoas terem presenceado aquelle facto, e de ser conhecido por alguma das testimunhas, preciso se faz que seja emendada tal narração.

Persuadido estou de que a intenção foi boa, (e me penhora) mas a publicação inexacta, prejudica o credito do seu bom jornal, e tambem a mim.

Se o objecto merecesse mais attenção remetteria uma circumstanciada relação do que a respeito do dicto Moiro tem chegado ao meu conhecimento, e o farei se V. assim o quizer.

De V. etc. etc.

Verissimo José Baptista.

Rua do Loreto n.º 78.
6 de Dezembro de 1842.

—

Procedendo a novas diligencias para averiguar a verdade, descobrimos, que os salvadores do moiro foram tres cidadãos, cujos nomes não podemos saber, mas em cujo numero não entrava o Sr. Verissimo. O falso boato não era com tudo sem algum fundamento.

O Sr. Verissimo em 25 de julho d'este anno encontrando-o na calçada do Carmo, cercado de um grande borborinho de garotos e peralvilhos, que o apupavam e lhe faziam montaria, nobremente movido da paciencia magnanima, com que o pobre estrangeiro aguentava os improperios, ora respondendo-lhes com cortezias acompanhadas de palavras inintelligiveis, ora olhando para o céu como quem procurava disfarçar ou implorar d'elle protecção, arrostou com os villões, que tantos e tão sem motivo affrontavam a um homem só, pacifico e desamparado, arrancou-lhes das garras a victima, e impondo, pela ousadia de sua virtude, respeito aos covardes, o conduziu salvo para fóra do tumulto. A poucos passos nova chusma de birbantes o accomette; e despresando novamente o seu proprio perigo o Sr. Verissimo, travando-lhe do braço o arrebata, e o conduz ao Passeio Publico, onde, julgando-o em seguro, o deixa não sem receber d'elle muitos, e bem merecidos agradecimentos.

Ainda terceira vez em diverso dia lhe appareceu, e acudiu n'outra pressa similhante; mas então já ferido com uma pedrada n'um calcanhar. D'ahi por diante todo o tempo que as suas occupações lhe deixavam livre, empregava-o em lhe servir de guarda, levando-o a passeio, e mostrando-lhe todos os objectos mais curiosos da cidade e do arrabalde. — Desejou o moiro por vezes retribuir com oiro estes favores, o que sempre foi generosa e ao mesmo tempo delicadamente refusado pelo homem, que se havia tornado o seu anjo bom, e que na sua mesma virtude sentia o melhor premio d'ella.

Já se intendiam maravilhosamente: algumas palavras arabes aprendidas pelo Sr. Verissimo, algumas portuguezas decoradas por Bin Aamour completavam entre elles a linguagem dos gestos e da mímica.

Havia tempos que os dois amigos se não viam, quando no dia 7 de novembro entra pela loja do nosso portuguez na rua do Loreto n.º 78 o desgraçado musulmano todo lastimado e queixoso — *mirandas*, *pancadas*, *judeus*, *dinheiro*, *moedas*, *dobrões*, *fiança*, *prizão*, *rainha*, *sr. juiz*, *cirurgião*, *botica*, *doente*, era quanto se lhe podia intender. Puchou a final por um papel; era um mandado de prisão contra *José Maria Portella*. Reflectiu logo o Sr. Verissimo, que se a um portuguez é indispensavel para taes casos um bom numero de moedas, e um bom procurador, para o moiro havia ainda outra difficuldade, muito mais difficuldade, qual era, a de intender, e fazer-se intender: lembrou-lhe procurar um intérprete que não fosse judeu; para isto o mesmo moiro o encaminhou a casa do Reverendo Sr. Padre Castro, mestre tambem versado na lingua arabia, o qual, depois de lhe affirmar que lhe haviam de fazer justiça, como se fôra christão e portuguez, lhe aconselhou procurar ao Ex.mo Ministro dos Estrangeiros, visto como não havia cá representante da sua nação. — Era quasi noite quando o Sr. Verissimo entrou com o seu mortificado pupilo em casa do Ministro, e lhe explanou todo o negocio: — o moiro, que nada lhe podia por si mesmo explicar, beijava-lhe a mão e chorava. — Dirigiu-lhe S. Ex.ª perguntas em varias linguas, a que elle só respondia em arabe, e de mistura, *miranda máu*, *judeus maus*, *sr. juiz bom*.

Requereu o officioso tutor um intérprete para o queixoso, que elle estava prompto a pagar á sua custa. No dia seguinte o benemerito official maior da Secretaria dos Estrangeiros lhes disse da parte de S. Ex.ª — que fossem procurar o intérprete da lingua arabia, o muito Reverendo Padre Sr. Manuel Rebello da Silva; assim o fizeram: e o Sr. Verissimo, deixando o seu protegido em tão boas mãos, retirou-se para sua casa, satisfeito dos outros e de si, que assim deixava a sua missão bem desempenhada.

No dia 14 vem um judeu procural-o da parte do moiro, pedindo-lhe, acuda a vel-o, que se acha gravemente enfermo, e deseja dar-lhe a derradeira despedida. Chegado ao seu leito, acha-o sosinho, ensanguentado e extremamente desfallecido por causa da hemorrhagia, que desde o espancamento o não havia desamparado. — Significou-lhe, que sentia a vida por um fio, que o dinheiro tambem se lhe estava acabando, e que desejava antes de se partir do mundo, protestar-lhe novamente n'aquella hora desemmaranhada de enganos a sua gratidão: — que por ultima graça lhe supplicava, tornasse em seu logar á Secretaria, segundo lh'o recommendára o Ministro, postoque a homem que se aballava do mundo, pouco já então haviam de servir aquellas coisas. — O Sr. Verissimo, achava-se tambem doente; escreveu ao Reverendo Sr. Padre Rebello, pedindo-lhe viesse na seguinte manhã para o que lhe mandaria uma sege, a fim de lhe dizer algumas palavras de consolação, e ir depois diligenciar-lhe entrada no Hospital para lá achar algum soccorro, se o podia haver, ou mais ao certo mãos charidosas, que o enterrassem. No dia seguinte foi o nosso incançavel a casa do mesmo Sr. Rebello, que tambem por desventura se achava doente; e com uma carta e officio d'este Senhor se dirigiu ao Sr. Oliveira; d'este voltou

para o mesmo Sr. Intérprete com um officio, em que S. Ex.ª determinava que fosse com elle á poisada do moiro, e o resolvesse a vir para casa de S. Ex.ª para alli ser tractado com todo o disvello. — Partiu n'uma sege de S. Ex.ª para ir buscar a Sua Reverendissima, e ao moiro, e conduzil-o ao seu novo quartel. Recommendando S. Ex.ª ao mesmo tempo que todas as despezas, que d'ahi por diante se fizessem no negocio, correriam por sua conta. — Tudo assim se cumpriu; e d'então até hoje o illustre hospedado não cessa de render graças ao Sr. Verissimo José da Silva, ao Sr. Gomes de Castro, ao Sr. Rebello da Silva e ao Sr. Gomes de Oliveira.

Se o que deixamos escripto não tem interesse dramatico, tem o interesse moral, que val mais, e muito mais: — os que o respeitam, bem nos hão-de perdoar a prolixidade.

Aqui fica já bastante para o *fidedigno* correspondente de um descommunal periodico inglez, almocreve de pêtas, que se lh'as manda cada duzia por um *penny*, não deixa de ganhar, com *boa* consciencia, os milhares de libras, que lhe retornam. Fizéra elle embutir na sua *boa* folha, que o Ministro só hospedára ao moiro com a mira nos presentes do imperador de Marrocos; é uma desconfiança, que cheira toda a carvão de pedra. — Se dissesse em inglez que se havia feito o bem pelo bem, provavelmente não seria intendido: — d'isso ninguem tem culpa: são idiotismos das linguas.

Tracta depois aos portuguezes por quasi anthropóphagos; — aquillo são ainda reminiscencias *lombares* de lord Byron. — Se os nossos garôtos estranharam e apuparam nas ruas um trajo moirisco, ainda nos não viram ir a terras de infieis conquistar direito de lhes vender veneno por atacado.

Confessamos que a civilisação moral ingleza tem subido a muito maior ponto do que a nossa, e tem já hoje a força de 1500 cavallos. — Elles limpam as chaminés com a pelle ensanguentada das creancinhas, nós ainda não passámos do mólho da carqueija.

Por derradeiro diz, que em Lisboa se não achou quem podesse intender o moiro, e que somos n'isto, como em tudo, uns ignorantões. — Não negamos, não, que em muitas coisas o temos sido: ¡ainda bem para quem nol-o chama! .. mas em arabe! Se alguns inglezes o quizeram saber, a París o foram estudar com Sacy, e de París vieram a Lisboa a aperfeiçoar-se com o Sr. Padre Rebello da Silva. — Temos além d'elle o Sr. Padre Castro, temos outros eminentes filhos da eschola arábiga de Jesus: — n'esta parte não concedemos vantagens a ninguem salvo se fôr ao inglez que andou com Abd-El-Kader, servindo contra as armas christãs em Africa, ou aos que ajudavam, por dinheiro, ora aos turcos contra os gregos, ora aos gregos contra os turcos. — ¿ Não intendemos a que vem mais este ridiculo ataque? Se a sciencia do arabe fosse fabrica de lenços, chitas ou lanificios, como as que nossos fieis alliados nos fizeram a mercê de queimar no tempo da guerra peninsular, compreenderiamos que nol-a quizessem destruir: e que já para isso andasse ahi alguma nota diplomatica. Permittam-nos ao menos fallar moiro, como nós permittimos a quem tal imprime o fallar todas as linguas; e até para isso lhes mandamos pela barra do Doiro alguns mil diccionarios polyglótos todos os annos.

Do tom d'esta provocada resposta pedimos perdão a todas as pessoas que não forem inglezas.

PROJECTO PARA O THEATRO NACIONAL.

1166 Vai publicar-se por subscripção um volume, em folio grande, contendo 10 estampas e tres folhas de impressão, com um projecto para o Theatro Nacional, na Praça de D. Pedro, em Lisboa; tal qual foi apresentado á Commissão nomeada para a approvação do dito projecto. Esta obra será feita em bom papel e elegante typo.

Preço do volume, pago á entrega, 1$440 rs.

Para os assignantes das provincias será o mesmo preço, se mandarem declarar a pessoa, a quem deve ser entregue o volume n'esta cidade de Lisboa; sendo essa mesma pessoa a encarregada do pagamento.

As pessoas que quizerem assignar podem dirigir-se ás lojas da Viuva Henriques, rua Augusta, Plantier, rua do oiro, Bertrand, rua das Portas de Santa Catharina, Bordallo, rua Augusta.

Para completar a materia do artigo 1040 apresentâmos o seguinte, por um habil professor da nossa Eschóla Polytechnica.

A PRESUPOSTA MINA DE CARVÃO.

1167 O mineral remettido d'Albufeira á redacção da Revista Universal, é um lignhite (páu alterado), contendo muito sulfurêto de ferro, o que o torna improprio para servir de combustivel, porque desinvolverá, queimando-se, o gaz sulfuroso, muito nocivo e incommodo á respiração. Como é um lignhite baço e pouco bituminoso, nem póde servir para d'elle se extrair o alcatrão.

CIVILISA-SE ENTRE NÓS O CULTO DIVINO.

1168 Muitas festas de egreja se teem feito n'estes ultimos tempos, que mereceriam descriptas n'este Jornal — ou por outra, cuja memoria devia ter sido empalhada e mettida em museu litterario para estudo dos vindoiros. — Deixemos porém as atrazadas; fallemos de duas recentissimas.

Na egreja do convento de Jesus, hoje parochial de N. S. das Mercês, celebrou-se com esplendido apparato a festa da *Associação da Fé*; — acudiu muito povo, desejoso de presenciar o como davam exemplo de religiosidade a esta geração nova de indifferentistas, os que ainda se presam e blasonam de portugaes-velhos conjurados defensores da nossa Sancta Fé — ¡¿ mas que se encontrou na casa de Deus?! ¡¿ Um theatro, como cuidará algum praguento!? não, dois theatros — S. Carlos e Rua dos Condes — Roberto do Diabo, e o Dominó. — *Beati mortui qui in* Domino *moriuntur*, exclamou com despeitoso escárneo um sisudo, saindo pela porta fóra arrebatadamente. — Escandalisa-se a *Associação da Fé* de ver alli um Museu, onde tinham refeitorio os religiosos, e no logar, onde tomava assento o provincial, arrimado á parede um jacaréu; — escandalisa-se .... e vae buscar para a egreja os desavergonhamentos mais lascivos dos tablados! — A Historia Natural é pelo menos uma sciencia, e o gabinete, em que se ella estuda, uma especie de monumento das glorias do Creador. Buffon, mostrando a Zoologia, é um sacerdote a evidenciar a Omnipotencia, mas o Dominó e o Roberto!

«Il me semble voir le diable
«Que Dieu force à louer les saints.

A segunda similhante festa, a que nada faltou senão cartazes em papel sellado com a competente ap-

provação da Inspecção Geral dos Theatros e Spectaculos do Reino, foi a da freguezia de N. S. dos Anjos, no oitavario da Conceição a 15 do corrente mez. — Meia egreja estava occupada de um palanque ou tribuna, em tanto extremo levantada, que Sua Alteza a Senhora Infante D. Izabel Maria, a quem a haviam destinado, sobrelevava em altura e portamento aos proprios Sanctos e Sanctas da casa. — Defenda-nos Deus de desacatar a real estirpe, e as muito conhecidas virtudes d'esta princeza; mas o tabernaculo é quem véda, que os não canonisados e ainda vivos, reis e imperadores que sejam, campêem ahi como quem domina por cima das cabeças dos bemaventurados: alli, para nos servirmos da expressão mais eloquente de um dos mais eloquentes oradores — só Deus é grande. — Estamos persuadidos de que, mais que a de ninguem, a piedade da propria princeza se consternou com a profanação que assim fizeram com a sua pessoa excelsa, mas humana, ao respeito inquebrantavel do Sanctuario.

A musica, assim a da véspera como a do dia, era excellente, como o pensamento do tolonio; era toda colhida do eterno Dominó e de outras óperas egualmente *orthodoxas*. O passo da Consagração foi solemnisado com aquelle trecho *sublime*, que o chaveiro das religiosas canta, quando vae com a lanterna em cata da Sr.ª Jacinta, com quem, depois da cêa, pretende tambem passar a noite. Um curioso, que viu começar a festa pela simphonía d'esta ópera, ía já dar palmas quando, sustendo-lhe os braços, os circumstantes lhe pediram cortezmente, que se lembrasse, onde estava. — «Tem razão — lhes respondeu elle caíndo em si — estava eu agora á espera de ver apparecer o Subtil e sae-me um clerigo!!!» — Temos pêjo de historiar mais! — ¡Acontece, e repete-se isto no anno da Redempção de 1842 na capital de um reino, que se appellida *fidelissimo*, e cuja constituição diz que, a religião do Estado é a catholica-apostolica-romana!!

Os spectaculos têem um cabeça; do mediocre e do pessimo, que representam, nada vae sem outorga d'elle — ¡ será o culto mais acéphalo! ¡ mais livre! ¡ mais anarchico! ¡ mais philosophico do que os spectaculos! ¡ não tem a provincia um pastor espiritual! ¡ não tem este auctoridade para superintender em taes abusos! ¡ e força para suprimil-os! — Se é licito introdusir nas cerimonias sagradas o que mais deleita a cada um, ponham-se os templos a concurso de emprezarios, e prefiram-se aquelles, que mais innovações plausiveis prometterem. — Os lacedemonios nos tempos, em que ainda não eram um arcebispado, mas só republica pagan, conta-se, diz Cicero, que reprovavam a musica do genero chromático: e dá a razão; porque este género afeminava e viciava os animos da mocidade. Mas emfim se queremos ser menos severos e sobretudo mais polidos, que os lacedemonios, se nos não contentamos com as musicas graves e solemnes, que tão bem condizem com uma religião solemne e grave; se intendemos, nós que tudo hoje intendemos e averiguámos, que não importa que onde o espirito deve estar recolhido venham bater pelos ouvidos ás portas da alma as voluptuárias primas-donas, as lacaias, habilidosas belfurinheiras de sensualidade e as dançarinas, que só vestem, quanto baste, para melhor realçar a desnudez; se temos, que as palavras dos hymnos, do psalmista, e dos prophetas não são mais, nem menos, do que as das óperas, umas télas indifferentes para se n'ellas estenderem os matizes dos sons mais deliciosos; — fallemos franco — se os ritos christãos não são mais, que uma farça, e a clausula religiosa da constituição uma licença para se ella representar, então mui encolhido e ronceiro caminha o nosso progresso, ou antes, mui contradictorio é elle comsigo mesmo. — É preciso uniformar e completar a obra. O côro dos diabos ao levantar a Deus, como já ouvimos na cathedral, e o incestuoso casamento de Semiramis com Jeremias, como ahi algures se fez na Semana Sancta, estão gritando por uma completa reformação nas antigualhas do rito; o incenso já fede de velho, substituamos-lhe o macassar, que harmonisa com as ariêtas, e nos associa as mil e uma idéas do toucador perfumado da casquilha dos saráus. Prégar a moral segundo Matheus ou segundo Lucas é enfastiar com o que está repetido, ha quasi dois mil annos; préguemos Balzac e George Sand, ou melhor ainda, depois de um ritornello do Frei Diabo oiçamos as *memorias do Diabo:* as mesmas vestimentas teem um não sei que de anachronico e desgracioso; os redactores de jornaes de modas, que nos deem, pelo menos duas vezes por anno, o figurino do clerigo nos differentes exercicios de seu ministerio, um para verão, outro para inverno; se tudo isto é absurdo e impio a festa da *Associação da Fé* em Jesus e a da Conceição nos Anjos, e muitas outras antes d'ellas, e depois d'ellas muitas outras ainda provavelmente, não foram, nem serão menos impias e absurdas.

Assentámos estender um pouco mais estas considerações, porque nos pareceu que necessariamente o nosso cabeça espiritual ignorava estes factos; e desejavamos que o éccho lhe levasse lá algumas das nossas palavras; a sua virtude, a sua piedade, a sua sciencia nunca o haveriam deixado ser consentidor de tamanho escandalo, se o laborioso retiro, em que vive encerrado, lhe não tivesse impedido o conhecel-o. Cremos e cremos bem, que para decotar as impiedades que ahi se estão desaforadamente enxertando na Arvore da vida, confiada á sua vigilancia, chega e sóbra a sua auctoridade; se carece porém de forças, requeira-as ao governo que por um dos primeiros artigos da Lei do Estado tem obrigação implicita de lh'as facultar.

BIBLIOGRAPHIA.

PORTUGUEZA.

1169 Diccionario geographico das colonias portuguezas no qual se descrevem todas as ilhas e porções de continentes, que Portugal possue no Ultramar; — suas producções naturaes, rios, povoações, commercio etc. por um Flaviense. — Porto — 1842.

Do mesmo auctor correm já impressas as seguintes obras, que se acham á venda no Porto e Coimbra: —

Taboa geographica — Estatistica lusitana, ou diccionario de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal.

Index historico do Elucidario das phrases e palavras antigas de *Viterbo*. Com a noticia da vida e escriptos do mesmo *Viterbo*.

Diccionario numismografico lusitano. — Em que se descrevem as moedas antigas de Portugal; e se prova que nunca houve em Portugal dinheiro de sola.

Breve noticia da terra de Panoyas — Cantão famigerado na antiguidade, do qual se formou a melhor parte da antiga comarca de Villa Real. N'ella se descreve o *Paiz do Vinho* (no Doiro) e a Villarica.